

Benguela, Angola, 28 Ago (Lusa) - A chefe da Missão de Observação Eleitoral da União Europeia (MOEUE) às legislativas de 05 de Setembro em Angola, Luísa Morgantini, espera que as eleições não venham a afectar as relações entre Luanda e Bruxelas.

Em declarações à Agência Lusa em Benguela, durante uma deslocação no âmbito da missão de observação eleitoral, Luísa Morgantini mostrou-se optimista quanto ao alargamento das relações entre a União Europeia e Angola após a realização das eleições.

Questionada sobre a possibilidade de o relatório que a MOEUE vai apresentar a 07 de Setembro, dois dias depois do escrutínio, poder influenciar o tipo de cooperação entre Luanda e Bruxelas, Morgantini lembrou que a missão eleitoral "é independente da política da União Europeia em Angola". Referindo que Angola tem condições económicas, humanas e materiais para se desenvolver, Morgantini sublinhou que as eleições "aparecem como uma oportunidade para os angolanos ganharem maior respeito ao nível da comunidade internacional".

"Se as eleições forem positivas isso será um marco para a democracia, uma oportunidade para Angola ganhar o mais alto respeito da comunidade internacional", frisou. A UE em Angola tem sido alvo de críticas por parte de organizações da sociedade civil locais que questionam a sua actuação em relação a alegados casos de violação de direitos humanos conforme as directivas desta organização europeia.

A União Europeia vai ter cerca de 90 observadores eleitorais para monitorizar as eleições de 05 de Setembro. Um pequeno grupo inicial de observadores foi já colocado no terreno e os restantes deverão chegar ao país numa data mais próxima do dia da votação.

As eleições anteriores em Angola foram realizadas em Setembro de 1992, no seguimento da assinatura dos acordos de paz de Bicesse, em Maio de 1991, que puseram fim à guerra civil. Essas eleições foram monitorizadas pelas Nações Unidas através da sua Segunda Missão de Verificação em Angola (UNAVEM II). Contudo, a União Nacional para a Independência Total de Angola (UNITA) rejeitou os resultados das eleições e o país voltou a mergulhar numa guerra civil que se arrastou até 4 de Abril de 2002.

A chefe da MOEUE concluiu quarta-feira uma visita às províncias de Benguela e do Huambo, onde manteve encontros com governantes, membros de partidos políticos e da sociedade civil para se informar sobre o andamento do processo eleitoral.